



Assignatura

Assignatura em Ovar, semestre 500 rs. com estampilha..... 600 rs.
Fóra do reino accresce o porte .o cor-reio.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração
Rua d'Arruella n.º 119

O POVO D'OVAR

Director e editor—Francisco Fragateiro

Administrador—Antonio José Pereira Zagallo

Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs. a linha.
Annuncios e comunicados, a 50 rs. linha.
Repetições 25 rs linha.
Annuncios permanentes 5 »
Folha avulso..... 40 reis

Séde da imprensa
Rua da Fabrica, n.º 11—Porto

OS DESASTRES

Cada medida energica, viril tomada pelo governo é um desastre no dizer da opposição. Também a nossa politica não passa d'isto—tudo quanto vem dos adversarios é accete á ponta de lança, sem se inquirir do espirito que dita a medida ou das circumstancias em que o paiz vive.

Tolerava-se em tempo esta anarchia nos espiritos, porque se suppunha vêr a nação nadando n'um mar de felicidades. Hoje que estamos á borda do abysmo deviamos ser mais reflexivos, tanto mais que deviamos ter sempre em vista aquelle adagio latino: *abyssus abyssum invocat*.

O barulho, que está, fazendo na imprensa partidaria o caso Hersent, não é mais de que o resultado necessario da politica chactim da nossa terra.

Hersent era obrigado pelas condições e clausulas do seu contracto com o governo a completar as obras do porto de Lisboa. Caso as abandonasse corria ao ministerio a obrigação de tomar conta de todo o material do empreiteiro.

Ninguem obrigou esse individuo a vir ao concurso. Se elle ganhasse centenas de contos pelas circumstancias favoraveis que adviessem até á conclusão das obras, ninguem lhe reclamaria quantia alguma. Mas, visto que sobrevieram circumstancias desfavoraveis, ninguem pôde ser obrigado a indemnisal-o.

Por isso o governo, ouvidas as estações superiores, resolveu fazer cumprir integralmente o contracto e tomar o material do empreiteiro, já que este se nega a proseguir nas obras pela unica differença do cambio.

Hersent, subdito d'uma nação importante como é a França, quer-se valer da sua qualidade de estrangeiro, para, pelo seu governo, reclamar do nosso uma indemnisação; e ao mesmo tempo para nos coagir, para lançar a perturbação no paiz, atirou repentinamente para a rua centenas de operarios.

Os jornaes opposicionistas tomaram o assumpto para thema d'ataque e eil-os ahi a justificar a intervenção estrangeira, a tremor por causa de motins e a chorar sobre a sorte das centenas de familias, que ficam sem pão.

Felizmente nenhum d'estes sustos, nem qualquer d'estas lagrimas de corcodilo encontrarão ecco no paiz.

O governo francez ha-de ter o senso preciso para aquilatar das condições em que o seu empreiteiro se negou a satisfazer aos compromissos solemnemente con-

trahidos, porque não pôde deshonrar-se lançando uma affronta sobre um povo pequeno, mas bastante activo; e os operarios portuguezes, que bem poucos são, encontrarão nas obras publicas serviço bastante para não sentir a miséria.

Esqueceram-se os jornaes de dizer que a maior parte d'esses operarios são francezes e que o nosso governo e o nosso paiz não teem obrigação alguma de os sustentar, de lhes mitigar a fome. Se se não sentem bem entre nós, que voltem para o seu paiz d'onde os foi arrancar o sr. Hersent.

Este proceder da imprensa opposicionista corre parelhas com o seu procedimento na questão dos credores estrangeiros.

Defendendo a sua causa que era opposta aos interesses e credito do paiz, levou-os a instar com os seus respectivos governos para interpellarem o nosso.

Se n'essa monumental questão, nós os portuguezes estivessemos unidos n'um só pensamento, decerto os credores accitariam resignados o decreto de redução como os nacionaes accitariam. Todo esse barulho que elles fizeram nas praças estrangeiras, retirando da cotação os nossos fundos, breve desapareceria porque seriam os mais prejudicados na depreciação do valor que possuem.

Perdemos, vimo-nos expostos a ser ludibrio no estrangeiro, incommodamos o nosso governo com responder a notas, que teem mero valor platonico, só porque os jornaes opposicionistas não tiveram a força bastante para soppear as ambições desregradas dos seus correligionarios.

As medidas que a opposição tem classificado de desastres, não passam d'actos de intelligente energia, que ha muito deveriamos ter dado.

Presistir no antigo systema do agravamento dos impostos e dos continuos emprestimos, transigindo sempre com os grandes argentarios e com os banqueiros poderosos, seria acarretar-nos a uma ruina proxima.

Está no poder um ministerio, que pensou inaugurar um systema de vida nova; e a vida nova consiste em romper com antigos preconceitos, com antigas transigencias, embora esse rompimento seja classificado pela opposição como um *desastre*.

E' um *desastre* que salva.

POLITICA CONCELHIA

Perdidos. Estão completamente perdidos os aralistas. Nada os salvará d'uma vergonhosa derrota, que nem sequer procuram cobrir com uma propaganda habil.

Por sua parte põem a eleição nos seguintes termos:—ou o governo lhes dá a força bastante para collocarem á porta da assembleia d'Ovar as bayonetas afim de não poder entrar um só eleitor da opposição, ou então abandonam a urna. Mesmo n'este caso, se virem que nós vencemos, unir-se-hão aos progressistas.

Isto parece inacreditavel, mas é a pura verdade. Propalam estas doutrinas publicamente e em voz alta os partidarios do sr. Aralla que formam o seu reduzido estado maior.

Tristissimo resultado d'uma desgraçada politica de simples vaidades e invejas!

E era esta a gente que por ahi andava a propalar que nós, os dissidentes tinhamos feito pactos e transacções! E era esta a gente que se atrevia a criticar a nossa politica leal e energica.

Vamos, que o tempo ha-de nos vingar.

Está assente que o sr. Aralla não irá á eleição; dizem os seus poucos affeioados, que tomam sobre os seus debeis hombros o resultado da eleição.

Era natural que assim succedesse. Previámol-o desde o começo, quando elles por ahi propalavam que a eleição se faria á bayoneta.

Estamos, pois, em frente apenas da auctoridade. Da antiga influencia do sr. Aralla nada resta já—é um homem ao mar, politicamente perdido.

E esse fogo-patrio que por ahi reluz, esperando a arbitrariedade, a força e o vencimento unica e exclusivamente do governo, breve desaparecerá tambem.

Era justo que assim succedesse. A que visava o sr. Aralla e os seus adeptos? Unicamente a exercer contra nós uma vingança, sem se importar que triumphassem os adversarios, sem se importar que se esphacelasse um partido, uma reunião importantissima d'homens que soffreram atrozes violencias, que responderam innocentemente a muitos crimes, que foram perseguidos e que arriscaram a sua vida, emquanto o sr. Aralla estava socegradamente em casa vivendo dos seus rendimentos.

Que fez o sr. Aralla em tantos annos de poder, depois que cahiram os progressistas?

Nada. Valendo-se da desunião em que estiveram sempre os nossos adversarios, poderia facilmente, sem custo, organizar um partido forte e disciplinado para agora, no momento da luta, não nos expor a trabalhos continuos; venceriamos sem custo e sem opposição.

E a victoria legal, e a victoria nobremente conquistada, sem a mais leve sombra de violencia, trazia o descanço e o bem estar para o nosso partido, robustece-

ria as nossas forças para que vindo depois a opposição este concelho e circulo fosse um baluarte inexpugnavel.

Preferiu o contrario d'isto. Em lugar de reparar, esphacelou; em lugar de criar partido, esmagou-o.

O seu amor proprio e o seu egoismo fez o que quatro annos de violencias progressistas não conseguiram.

Nem um só homem arredou pé do partido emquanto os progressistas os crivaram de processos crimes, de violencias e de insultos. E' que todos tinham uma fé viva nas represalias e na bandeira de que se haviam constituido voluntariamente martyres.

Depois d'isto, quando o sr. Aralla tomou o poder, appareceu o seu amor proprio em acção. Pareceu-lhe que todos aspiravam a conquistar o seu cargo de chefe, e, dando ouvidos ás intrigas, procurou desconsiderar os mais prestantes correligionarios; e entretanto aos eleitores, aos pequenos influentes declarava que nunca mais entraria em politica.

Para os primeiros tinha o seu amor proprio que julgava ferido: para os segundos tinha o seu egoismo — não queria que o incommodassem.

E assim o sr. Aralla conseguiu dismantelar um partido forte, vigorosissimo, que n'esta eleição havia de dar um grande exemplo de união como deu debaixo das violencias dos seus adversarios.

Quem lançou o sr. Aralla no pessimo caminho politico, que seguiu, foram os intriguistas: são esses tambem os que agora tomam aos seus hombros a responsabilidade da eleição.

Pessima causa a que se estriba em taes defensores.

Pois não vêem esses homens que dizendo ser impossivel poderam aguentar-se na eleição sem terem as bayonetas a tapar aos adversarios as portas das assembleias, que dão a prova provada da nenhuma influencia politica do seu grupo e do seu chefe?

Se tivessem força e prestigio a sua aspiração deveria ser que todos os grupos entrassem na batalha para assim mostrarem que as opposições não tinham valor. Com os seus votos mostrariam lá fóra que o seu grupo e o seu chefe ainda mantinha vigorosa a sua bandeira.

Mas appellaram para o governo, pedir-lhe de mãos postas que os soccorra, não para manter a liberdade, não para os auxiliar com despachos, mas para impedir a luta, é confessar antes de tudo a derrota, a falta da força.

Declarar tambem que se recearem o nosso vencimento, se juntarão aos progressistas, é atraiçoar o governo que lhes confiou a auctoridade e é sobretudo mostrar que não combatem por espirito de partido, mas só por desejo de vingança.

Pois que, affiançam que cobrindo Ovar com tropa, que fechando as assembleias com bayonetas, vencem e ainda assim pensam na hypothese de se juntar aos adversarios!

Fortes nas intrigas, estes homens, que constituem o estado maior do sr. Aralla, nem ao menos sabem fazer uma propaganda seria e digna.

Taes adversarios não inspiram medo, causam simplesmente nojo.

Emquanto nós combatemos contra os progressistas no campo eleitoral, conquistando uns e outros palmo a palmo os elementos para a lucta, os aralistas ficam-se quados, de braços cruzados esperando tudo da força das bayonetas.

Esta politica entende-se bem. Elles começaram pelos diversos *Cascas* a palpar os eleitores nas aldeias da villa e em Vallega. Todas as portas se lhes fecharam. A desillusão não podia ser mais completa e frisante.

O sr. Aralla viu isto e fechou-se em casa e entretanto espiçava o seu estado maior a proseguir na peregrinação. Este comprehendeu que não tinha força alguma, que debalde iria implorar o beneficio do voto aos eleitores.

D'ahi resultou a abstenção da lucta e o appello para o governo. D'ahi resultou a propaganda da força armada sem se pedir um unico voto, sem conquistar o menor numero de adherções.

E' uma politica economica e sem dependencias.

Resta saber se accitam só para satisfazer os bons desejos do sr. Aralla e mais da sua *troupe*.

Ora este accete tem duas partes — a primeira é o governo e a segunda são os dois grupos da opposição.

Quanto á primeira não podemos, nem queremos discutir.

Quanto á segunda dir-lhe-hemos que pela nossa parte não a consentimos: os progressistas provavelmente farão o mesmo.

Venha a tropa que vier nós iremos á eleição. Nenhum official, por mais rebaixado que seja, se prestará a uma violencia tal como os partidarios do sr. Aralla apreçoam.

E de resto os aralistas não teem gente ao seu lado capaz de assustar quem quer que seja. Para responder a essa gente dispomos nós d'outra.

Mais d'uma vez aqui deixamos dito—nunca provocaremos desordens, mas levantadas ellas, procuraremos defender-nos até á ultima, e, como o povo não tem culpa, os chefes e os cabeças responderão por tudo.

E comtudo estamos certos de que estas eleições se farão livremente, porque os aralistas não irão á urna. E' que estão já der-

rotados, perdidos, completamente perdidos.

Aquellas ameaças são o ultimato do muribundo.

Novidades

Outra epistola—Voltou o sr. Aralla com outra epistola no "Jornal de Noticias".

Vae para longe, falla-nos lá de largo, como em Ovar nos apparece apenas nos confins do Mato-Grosso ou por entre os pinheiraes sombrios.

Agora corrigiu os sublinhados mas não corrigiu os erros de grammatica da sua correspondencia. Para estes está já velho; e, lá diz o dictado: *preto velho não aprende linguas.*

Leviamos de troça a sua carta, se não houvesse algumas affirmações, que queremos frisar.

Falla o sr. Aralla nas celebres rondas, que empregamos quando era administrador do concelho o dr. Francisco Fragateiro, attribuindo a essas rondas violencias que reprovava e que hoje repelle.

Nós pelo contrario, accetamos a responsabilidade integral e completa d'essas rondas. Essas rondas de que o sr. Aralla diz mal eram compostas dos nossos amigos dedicados, d'homens energeticos e serios, incapazes de commetter um crime, mas tambem incapazes de recusar deante de qualquer provocação e ameaça.

Elles não eram arrastados pelo interesse ou pela intriga.

Emquanto esses rapazes andavam nas ruas a velar pela segurança dos habitantes da villa, entregavam-se os actuaes defensores do sr. Aralla, os *pequenitos*, a fazer intrigas. Nem um só dos pequenitos tinha a coragem d'arcar como as represalias dos progressistas, nem um só d'elles vinha á rua com receio de ser arcabusado.

Entretanto os rapazes da ronda, esses que hoje mesmo veem as censuras do sr. Aralla, accorriam ao primeiro appello do seu commandante.

O então administrador e hoje advogado Fragateiro orgulha-se de os ter por amigos e accetava por completo as responsabilidades dos actos que então debaixo do seu commando praticaram, porque nenhum d'esses actos foram criminosos, e porque os rapazes eram incapazes de praticar um crime.

Sem as rondas o sr. Aralla não teria sido deputado, sem as rondas o sr. Aralla não iria á eleição, como agora não vae porque ella lhe falta.

Accetou-lhe os beneficios, appoiou esses actos e agora dá dois pontapés—é o costume e por isso ha-de ser pago em larga escala.

O sr. Aralla falla na eleição de 1885 como um acto de prudencia do seu partido.

Mas essa eleição não foi um acto de prudencia, dê-lhe antes outro nome, que nos repugna empregar.

Era por um acto de prudencia que o sr. Aralla não apparecia nas assembleias eleitoraes, desde que a opposição protestava tumultuariamente contra o viciamento do recenseamento eleitoral? Foi por um acto de prudencia

que o sr. Aralla mandou cercar de tropa a assembleia da casa da camara, só permittindo que os eleitores votassem no meio das bayonetas?

Foi por um acto de prudencia que se retirou para casa acompanhado por mais de 200 homens levando ao seu lado um corneta? E' as eleições dos rijões!

Quem promoveu as desordens para evitar que a opposição votasse? quem derramou o sangue na praça publica?

Prudencia? o sr. Aralla falla em prudencia e pensa que nós esquecemos o passado?

Diz o sr. Aralla que não quer vencer com a força das bayonetas.

Mas os seus corrigionarios dizem precisamente o contrario.

Elles querem bayonetas, muitas bayonetas mas para estas serem collocadas ás portas das assembleias, afim de não entrar um só eleitor adverso.

Elles, coitados! pensam que assim evitam uma derrota monumental.

Mas como quer o sr. Aralla vencer? onde é que tem os amigos e os votos?

São os proprios *pequenitos* que por ahí propalam que o sr. Aralla não vae já á eleição e e que a elles entregou o mando. E á frente d'esses está o proprio secretario da administração.

Mas o sr. Aralla quer nomes? Publicar-lh'os-hemos quando quiser e não poderá negar então que está de todo cahido.

Bem faz o sr. Aralla escrevendo para longe correspondencias landatorias. Se aqui viesse dizer que não precisa de força militar para ganhar a eleição, toda a gente desataria a rir a bandeiras despregadas; porque todos o conhecem á legoa e nós muito especialmente.

Creia porem o sr. Aralla que nem a força lhe valerá. Repellido por todos, ha-de perder a eleição mas d'uma forma estrondosa, a termos de nunca mais se levantar.

Fallo o sr. Aralla em syndicatos, referindo-se ao nosso grupo.

Declaramos aqui muito cathorica e expressamente: — o nosso grupo está virgem de syndicatos. Não praticou até hoje um unico acto que lhe possam assacar, e se esse acto menos consentaneo com a sua honra existe, publique-o que lh'o agradecemos.

Venha esse acto e as provas. Confunda-nos, sr. Aralla, se pôde.

Mas se breve não o apresentar, apresentaremos nós um acto dos ultimos tempos da camara arallista que é só por-si bastante para defenir o sr. Aralla. E' que nós não nos limitamos a vagas referencias.

No capitulo das expropriações ha muito que contar.

Vamos, mãos á obra: o sr. Aralla de lá e nós de cá,—cada um no seu posto, sem transigencias nem accordos, que é coisa para que não temos geito.

Vê o sr. Aralla, pelo que lhe deixamos dito, que é sempre uma asneira vir provocar quem vae pachorrontamente seguindo o seu caminho.

Se quizer continue, que nós não lhe pediremos treguas.

O nosso grupo não tem pó-dres; e como não temos telhados de vidro podemos bem atirar a pedra ao do visinho.

No resto da carta do sr. Aralla ha ainda umas alusões politicas a que não queremos por emquanto responder. Mas não hão-de ficar sem resposta. Archivaremos o jornal para em tempo oportuno dizermos da nossa justiça.

Pesca—Esta semana o trabalho da pesca foi mais productivo.

Na sexta-feira as companhas fizeram quatro lanços e os tres primeiros excederam cada um a 100\$000 reis.

A pesca foi de sardinha misturada com *espadiilha*.

Oxalá que continuem os bons lanços, porque a *safra* vae devêras má.

Hotel do Furadouro.

—Vae abrir-se breve o Hotel do Furadouro de que é proprietario o sr. Silva Cerveira, da Praça.

Todos os annos se tem assignalado consideraveis progressos n'este importante estabelecimento.

Os hospedes nos annos anteriores retiraram muito satisfeitos não só porque o serviço culinario é excellente, boa a casa, mas muito modicos os preços.

Este anno pensa o seu proprietario em melhorar bastante o serviço.

Chegada.—Chegou ao Furadouro afim de usar de banhos o integro juiz da comarca de Pombal, ex.^{mo} sr. dr. Albino Leite de Rezende.

Sua ex.^a é sempre um dos primeiros banhistas da nossa praia e um dos seus mais antigos frequentadores.

Cumprimentamos o digno juiz e fazemos votos para que obtenha completo alivio para os seus padecimentos.

Exames.—Fizeram exames de historia os estudantes Bernardo d'Oliveira Fragateiro e Antonio Fragateiro da Silva Bonifacio.

Aos estudantes e suas familias damos sinceros parabens.

Emigração.—Uma desgraça arrasta consigo muitas.

A crise economica e financeira paralysoo o movimento commercial do porto de Lisboa. D'ahi resultou ficar sem trabalho grande numero de conterraneos nossos que trabalhavam nas fragatas de Lisboa.

Esses homens que não tem largos recursos pecuniarios e não podem applicar-se a qualquer outra industria, vão procurar trabalho no Brazil, d'onde raros voltarão á patria.

Todas as semanas sahem arrastados na corrente da emigração grande numero d'homens, e a ceifa promete continuar.

Exageros.—Não é raro vêr lá fóra desvirtuados os factos mais insignificantes que aqui se passam. Ora é dever de todos repol-os no seu aspecto verdadeiro.

O cabo Julio, que commandava o destacamento de policia aqui estacionado, foi transferido para Aveiro em virtude d'umas

accusações feitas pela auctoridade administrativa.

Os jornaes progressistas attribuiram esta transferencia a uma vingança politica: um regenerador attribuiu a obra dos caceteiros progressistas. Nem um nem o outro tiveram razão alguma.

A verdade é que o sr. administrador do concelho não tinha motivos para estar satisfeito com o serviço d'aquelle cabo; porém não foi esse o unico o motivo, nem o principal. O cabo Julio, ao que consta mettia no quartel *pessoa* que era por completo extranha ao serviço policial; e fazia com que as praças estivessem cá fóra á espera.

Ora este facto deveras condemnavel era motivo mais do que sufficiente para promover uma transferencia, e o sr. administrador, usando d'elle não pôde ser inquinado de perseguidor.

Ahi está até onde chegam as nossas informações, onde não figuram, nem por sonhos caceteiros progressistas.

Que pressa! — O "Ovarense", critica o poder judicial da comarca por não ter preso ainda Graça Affreixo, arguido de dar um tiro em seu visinho; e attribue isto a caso politico.

O "Ovarense", é infeliz em todas as accusações que faz ao poder judicial. Não procura as informações bastantes e depois erra.

Que tem a politica com o pobre Graça Affreixo, que, segundo nos parece, nunca pertenceu a qualquer dos partidos militantes, que não dispõe d'uma unica protecção?

Ora o poder judicial não tem coisa alguma com a prisão, emquanto o arguido não estiver pronunciado. E para que esteja pronunciado é necessario que o processo forneça sufficientes indicios da culpabilidade.

Existem esses indicios? E' o que ignoramos por completo, visto ser o processo um segredo de justiça.

Mas o que sabemos é que no tribunal tem deposito constantemente testemunhas ácerca d'aquelle caso, e provavelmente são inquiridas em corpo de delicto indirecto.

Espere o «Ovarense» pela pronuncia e então serão passados os mandados de captura. Antes d'isso o poder judicial tem de estar de braços cruzados, porque a sua acção não vae mais longe.

O sr. administrador do concelho é que poderia ter mandado prender o homem pouco tempo depois de narrado o crime. Mas acreditava o sr. administrador na sua culpabilidade?

Eis o que resta inquirir.

Esteja certo o «Ovarense» de que o poder judicial ha de cumprir n'isto como em tudo o mais o seu dever. Os magistrados que estão n'esta comarca são absolutamente incapazes de se vergar a imposições de quem quer que seja.

Não tenha pressa, que a seu tempo virá o resultado.

Annos. — Fez quinta-feira 31 annos o nosso bom amigo João Ferreira Coelho, escrivão e tabelião d'esta comarca.

Parabens.

Jurados.—Na terça-feira procedeu-se ao sorteio do jury criminal que tem de funcionar nas proximas audiencias geraes.

ENYGMATA

O que hoje me dá assumpto
Para a insipida versalhada,
Que aqui vos deixo traçada,
É conhecido instrumento,
Ovi leitor's: Tem tres syllabas;
Não é nada boa a primeira,
É adverbio a terceira,
A segunda tem accentto.

É instrumento, como disse,
De madeira ou de metal;
E produz ruido tal
Tocado com ligeireza,
Que tapo sempre os ouvidos
Para não ter de o ouvir;
D'outro modo, isto sem rir,
Cairia com certeza.

Não preciso dizer mais;
Vós mui bem o conheceis.
Um objecto tereis
Feito de panno e madeira,
Se lhe tirardes a segunda.
É vulgar este objecto.
E se o verdes, de certo,
O conheceis á primeira.

Olhai: não differe muito
Da forma que têm os andor's.
Agora caros leitores,
Para isto terminar,
Colloquemos então as syllabas
Ao contrario das de cima,
Isto é, antes da prima
A terceira. Haveis de encontrar.

Com as syllabas assim dispostas
Um objecto já visto;
E vós em casa tendes isto.
A quem está habituado
A decifrar os enygmata
Não lhe custa este matar.
Conceito, é escusado dar.
E por hoje, terminado.

Ovar, 22-7-92.

Isaias Meodes.

Decifração do enygmata do numero antecedente—**Caverna.**

NOTICIAS DO PORTO

Porto, 21 de Julho de 1892

Edital—A camara municipal, acaba de publicar um edital, dispensando do serviço de incendios os aguadeiros, sendo-lhes retirada por este motivo a bica particular que tinham em cada fonte para a venda de agua, sendo apagado o distico que cada fonte tinha—*Para aguadeiros.*

Cançoneta—O nosso presado amigo sr. José Corrêa Guimarães, (D. Fuas) filho do maestro José Candido, acaba de publicar uma cançoneta composição sua, intitulada: *Nunca arranjei nada!*

É um trabalho primoroso, pelo qual felicitamos sincera e cordealmente o nosso amigo.

Bazares—A sociedade de amadores dramaticos Affonso Taveira, tem promovido bazares, a favor do cofre d'aquella instituição.

Touros—A corrida de domingo passado no Real Colyseu, não agradou aos afficionados por parte da *cuadrilla* hespanhola. Ao cavalleiro Manoel Casimiro couberam as honras da tarde, sendo alvo das mais espontaneas ovacões; na verdade, o trabalho de Manoel Casimiro foi brilhante. O gado puro e de boa estampa.

Kermesse—A Federação das associações tem recebido varios donativos para a kermesse que vae promover no jardim da Cordoaria, afim de socorrer os operarios victimados pela falta de trabalho. Os donativos recebem-se na rua do Almada, para onde o snr. governador civil d'este districto conselheiro Neves Ferreira, enviou um d'estes dias, um magnifico estojo de prata, para ser applicado á kermesse.

Palcos—No sabbado ultimo, o estimavel actor Dias, fez a sua festa artistica no theatro Principe Real. Representou-se a chistosa comedia do saudoso mestre Camilio Castello Branco, *O assassino de Macario* e uma engraçada *charge*, composta expressamente para este espectáculo pelo snr. Guedes d'Oliveira do *Primeiro de Janeiro*, intitulada *No paiz dos convenios*. Muitos applausos, aos principaes interpretes.

—No Vasco da Gama, á Foz, houve domingo um brilhante sarau promovido por um amator d'ali, e pela snr.^a D. Ida Adelaide, que na comedia *o Marido victima das modas*, se mostrou com grandes aptidões para a scena. O papel que lhe coube n'esta comedia, desempenhou-o com a correção propria d'uma artista. A amadora Amelia dos Santos, nas opperetas *Os sinos de corneville* e a *Experiencia*, revelou-se-nos uma amadora distincta que sabe desempenhar-se cabalmente dos papeis que lhe confiam, bem como o beneficiado um intelligente rapaz, que se nos mostrou possuido de grande talento.

Resta-nos fallar do distincto gymnasta Manoel Emydio Barbosa e do amator Julio (banheiro). Aquellé tomou tambem parte no espectáculo abrillantando-o com um numero de exercicios de equilibrio no trapezio, exercicios que foram magistral e distinctamente executados.

A plateia applaudiu-o phreneticamente, bem como a uma creança de 10 annos que elle pela primeira vez apresentou em publico, executando alguns exercicios.

Foram auxiliados nos seus trabalhos pelo nosso presado amigo João Moreira, que pontou tambem o espectáculo.

Manoel Barbosa, recebeu innumerados e valiosos brindes, entre elles um magnifico estojo de prata e uma gravata com um alfinete d'ouro.

Julio (banheiro) na oppereta *a Experiencia*, um dos melhores amadores no genero. Casa repleta.

—No Borges d'Avellar prepara-se para sabbado um espectáculo. Sobre a scena o drama *Maldição paterna* e varios monologos.

Veremos e depois fallamos.

Relatorio—Foi distribuido o relatorio da Liga das Artes Graphicas.

Visitas sanitarias.—Pela administração do bairro occidental, tem sido feitas visitas sanitarias a varios predios.

J. J. O.

Litteratura

O CEGO

I

Era alli para as bandas de Buenos-Ayres, n'uma estreita e tortuosa rua, que Adelia, jovial como uma primavera, e seu pae adiantado já em annos, viviam uma vida solitaria e contemplativa, retirados do mundo e do seu bulicio, em loda serenidade.

Habitavam uma casa, tão pobre quanto modesta, e acceida que podia, longe de hyperbole, afirmar-se que a posira fugia dos moveis. O chão—um brinquinho, a folha da cosinha—um espelho. A sala, a alcôva, a casa de jantar na melhor ordem e arranjo. Uma vivenda de bonecas não era tão pequena, nem, decerto, tão risonha. Para nada lhe faltar havia tambem uma nesga de quintal, onde Adelia passava longas horas de companhia com as suas amigas—as fôres, cuidadas solita e carinhosamente. Um encanto! Seu pae custeava o commodo e gasalhado do lar com os magros provontos da reforma d'um emprego. Era pouco, mas Adelia auferia tambem uns ganhositos em bordados e mais prendas de costura. Arremediavam-se sem a imperante necessidade de dobrarem a cerviz á giotagem especuladora.

O pobre velho, fraco e valedudinario, seguia contente o seu ultimo lanço da estrada, porque vivia a vida de Adelia; porque aquella pequena de 16 annos de idade, ajuzizada como uma avósinha, saltitante como um rouxinol e resignada como uma santa, significava, no sentir d'elle, o mesmo do que para o avarento—um thesouro para arrependido—um perdão, para o moribundo—um adeus!

(Continúa.)

CHRONICA

Empunhar a penna n'esta occasião para escrever uma chronica é collocar-me em situação identica á de um actor, que, tendo a alma atribulada por uma dôr intensa, é obrigado a entrar no palco risonho, e a representar ao publico um papel jocôso.

Ha só uma differença; é que o actor representa ordinariamente um papel que outros lhe prepararam, e com os ensaios a caracterisação e a illusão d'optice pôde apparentar que está alegre, embora tenha a alma a despedaçar-se de dôr; ao passo que eu tenho de escrever uma chronica, cujo assumpto, para não desagradar aos leitores, precisa ser alegre. E todos sabem que é difficil a qualquer individuo, que esteja triste, escrever coisas alegres.

Ora, como poderei eu escrever uma chronica alegre se tenho o espirito immerso em profunda tristeza?!

Mas o mais engraçado é que eu digo que estou triste, e, se o leitor me perguntar porquê, eu não sei dar-lhe a razão de minha tristeza!

Eis a resposta que sou obrigado a dar, visto que eu proprio não sei o motivo d'esta melancolia.

Sinto desejos de estar só concentrado em meus pensamentos, entregue a mil cogitações, e, se obedeco a estes desejos vem engolpar-me o espirito uma especie de lethargia.

Depois de estar assim muito tempo, desperto e, se me recordo de escrever a chronica, comparo a minha situação á de um actor, que, tendo a alma atribulada pela dôr, é obrigado a entrar no palco risonho, e a representar ao publico um papel jocôso.

*

Fui no domingo passsdo á festa a Vallega, para ver se conseguia distrahir-me um pouco. Não o pude porem fazer.

Todos os rapazes se divertiram, todos sustentaram uma forte bateria d'olhares (por não poder ser de palavras ou de... etc.) com as suas *escolhidas*, em quanto que eu não parava em parte alguma, e, se qualquer rapaz que me acompanhava tentava parar, eu dizia-lhe logo:

—Vem d'ahi *ó coisa*, vamos passear, vamos ouvir o sermão, vamos alli, vamos acolá—e assim andava d'um lado para o outro, como um automato.

E d'esta forma passei a festa sempre aborrecido, sempre melancolico, sem encontrar coisa alguma que me prendesse a attenção por um instante. Mas não julguem os leitores que não foram á festa que ella estava desanimada. Não senhores; estava muito concorrida e viam-se alli os mais bellos primores da gentileza vareira, cuja prezença é mais que sufficiente para dar o maior esplendor a qualquer festividade.

Eu faço ideia de quanto haviam de gosar alguns rapazes, que eu sei, e só lamento não poder fazer o mesmo.

Para mim a festa de Vallega só teve uma coisa util, foi fatigar-me, fazendo-me dormir bem.

Se não tivesse ido a Vallega, teria dado, como é costume, mil voltas na cama sem conseguir conciliar o somno.

Ainda ao menos que não foi de todo má a festança.

Quando houver outra, lá estou cahido, embora tenha a certeza de tirar o mesmo resultado.

A minha A. já me disse que não ia lá, porque não costuma ir a festas fóra da terra. E' o mesmo, vou eu e ella não se zanga porque me *quer muito bem*.

E' no dia 7 d'Agosto a outra festa; ficam por esta forma avisados os que ainda não sabiam.

Luiz Arauto.

ANNUNCIOS JUDICIAES

ARREMATACÃO

(2.^a publicação)

No domingo 7 do proximo mez de agosto, pelo meio dia, e á porta do tribunal judicial d'esta comarca, sito na praça d'esta villa, ha de ser posta em praça no inventario orphanologico a que se procede por obito de Luiza d'Oliveira da Silva, viuva, moradora que foi no logar da Ponte Nova, d'esta villa, para ser arrematada

por quem mais offerecer sobre o preço da sua respectiva avaliação a seguinte propriedade: Uma morada de casas terreas, eira, casa da mesma, poço, alpendre, arvores de fructo, cortinha de terra lavradia pegada e mais pertenças, sita no logar da Ponte Nova, d'esta villa, que confronta do norte com a viella, sul com os herdeiros de José Rodrigues Formigal, nascente com o rio e poente com bens do casal. E junto a este predio uma casa com tres rodas de moinhos, terra de horta, curraes e mais pertenças, que parte do norte e sul com os herdeiros de Manuel Valente, e do nascente e poente com a estrada. Estes predios formam um prazo, de que são directos senhorios Manoel Soares Guedes e dr. Augusto Correia da Silva Mello e esposa, a quem pagam annualmente dois mil duzentos setenta e quatro litros quatro centos e setenta millilitros de milho e tem laudemio de dez um, avaliada em 2:731\$950 réis.

Ovar, 15 de julho de 1892.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,

Salgado e Carneiro.

O escrivão,

Frederico Ernesto Camarinha
Abragão. (150)

EDITOS

(1.^a publicação)

Pelo Juizo de Direito da comarca d'Ovar e cartorio do Escrivão Coelho, correm editos de 50 dias, a contar da segunda e ultima publicação d'este annuncio no «Diario do Governo», citando João Bernardino Tavares, solteiro, ausente no Pará, Estados Unidos do Brazil, para assistir a todos os termos até final do inventario orphanologico a que se procede por obito de seu pae Manoel Pereira Valente de Rezende, que foi da Rua Nova, de Vallega; e editos de 30 dias, citando os credores e legatarios desconhecidos para deduzirem os seus direitos no mesmo inventario.

Ovar 16 de Julho de 1892.

Verifiquei
O Juiz de Direito,

Salgado e Carneiro

O Escrivão,

João Ferreira Coelho.
(152)

ARREMATACÃO

(1.^o publicação)

No dia 31 do corrente mez pelo meio dia, á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca, volta pela 2.^a vez á praça para ser arrematada por quem mais offerecer sobre o seu valor, no inventario de menores a que se procede por obito

de Joanna da Silva, que foi da rua do Pinheiro, d'Ovar, sendo todas as despezas á custa dos arrematantes, a seguinte:

PROPRIEDADE

Um palheiro ou casa de taboas, sito na Costa do Furadouro, alludial, que confronta do norte, sul e nascente com as areias, e poente com Antonio Charinho, no valor de 9\$010 réis.

São citados quaesquer credores.

Ovar 21 de Julho de 1892.

Verifiquei
O Juiz de Direito,

Salgado e Carneiro

O escrivão

João Ferreira Coelho.

(151)

Annuncios

PRAIA DO FURADOURO

(OVAR)

HOTEL DO FURADOURO

Este acreditado hotel abre no dia 8 d'agosto. Excellente tratamento, commodidade, acceio. Preços 600, 800, 900, 1\$000 e 1\$200 réis; familias, preço convencional. Cozinha á portugueza por pessoal habilitadissimo.

Banhos quentes e frios d'agua salgada.

Café e bilhares, completo sortido de bebidas nacionaes e estrangeiras.

O proprietario,
Silva Cerveira.

(Ha carros a todos os comboios, na estação d'Ovar.)

VENDA DE CASA

Vende-se uma casa alta com armazem, sita na rua de S. Bartholomeu pertencente a Antonio Pinco.

OVAR

DECLARAÇÃO

Luiz Augusto Valerio de Carvalho, regente da philarmónica Boa-União, declara para todos os effeitos que d'hoje em diante usará d'esta assignatura Luiz Augusto de Lima.

Ovar, 1 de julho de 1892.

MARÇANO

Precisa-se d'um marçano habilitado para uma loja de mercearia.

Ordernado o que se combinar.

Carta a esta redacção.

LEON TAXIL

OS MYSTERIOS

DA

FRANC-MAÇONARIA

VERSÃO PORTUGUEZA DO

P.^o FRANCISCO CORREIA PORTOCARREIROCom uma dedicatória
do auctor a sua magestade

A RAINHA D. AMELIA

Com auctorisação do em.^{mo} e rev.^{mo} sr.

CARDEAL D. AMERICO

BISPO DO PORTO

Obra que mereceu um breve
de S. Santidade Leão XIII, animando-o,
e abençoando-o, e que foi louvado
pelos ex.^{mos} e rev.^{mos} srs.Arcebispo de Paris, Arcebispo
de Rennes, Bispo de Montpel-
lier, Bispo de Coutances, Bispo
de Sees, Arcebispo e Gran, Ar-
cebispo de Turim, Bispo de Sois-
sons, Arcebispo de Colocza, Ar-
cebispo de Auch, Arcebispo de
Napoles, Bispo de Rodez, Bispo
de Bayeux, Arcebispo de Cham-
bery, Bispo de Bannes, Bispo de
Marselha, Arcebispo d'Aix.A obra constará de dous vo-
lumes distribuida em fasciculos
de 32 paginas de texto com qua-
tro ou mais gravuras. Preço de
cada fasciculo 100 reis, pagos no
acto da entrega; para as provin-
cias é franco de porte. Os assi-
gnantes da provincia pagarão de
cinco em cinco fasciculos, envian-
do-se-lhes n'essa occasião o com-
petente recibo. Concluida a pu-
blicação será elevado o preço.Distribuir-se-hão tres fascicu-
los por mez. Todas as pessoas
que angariarem dez assignaturas
e se responsabilisarem pelo seu
pagamento, receberão um exem-
plar gratis.Acceitam-se correspondentes
nas terras onde os não ha; a
comissão é de 20 p. c., garan-
tindo mais de cinco assignaturas.Assigna-se em todas as livra-
rias do reino e em casa do edi-
tor Antonio Dourado, rua dos
Martyres da Liberdade, 113—
Porto, a quem deve ser dirigida
toda a correspondencia.

BIBLIOTHECA ECONOMICA

PARA RICOS E POBRES

100 REIS CADA VOLUME

DE

300 A 480 PAGINAS

Os romances, mesmo os maio-
res, nunca excederão o preço de
400 ou 500 reis, como por exem-
plo o celebre romance OS MYST-
TERIOS DE PARIS, (5 volu-
mes) que nos propomos publicar
mais tarde, e que apenas custará
CINCO TOSTOES!!!

Romances publicados:

Fromont Junior e Risler Senior

POR

ALFONSE DAUDET

UM TIRO DE REWOLVER

POR
JULIO MARYA este seguir-se-hão—O Cas-
tello da Raiva de L. Stapleau—
Um drama de revolução de Er-
nesto Daudet Mont Oriot, de
Guy de Maupassant.—O grande
industrial e Sergio Panine de
George Ohnet.—Clotilde de Al-
phonse Karr.—Sapho de A. Dau-
det.

CONDIÇÕES DAS ASSIGNATURA

Lisboa e Porto, cada volume
pago no acto da entrega 100
réis.Provincias, ilhas e ultramar,
cada volume, franco de porte
120 réis. Pagamento adiantado.Assigna-se em Lisboa no es-
criptorio da Empreza da BI-
BLIOTECA ECONOMICA, T.
da Queimada, 35.

REPORTORIO SYNOPTICO

DA
LEGISLAÇÃO PORTUGUEZAPOR
J. GARCIA DE LIMACada fasciculo em formato
grande, bom typo e bom papel
100 réis; pelo correio 105 reis.
Requisições á Empreza Editora
—LETRAS E LEIS.A cobrança é feita por séries
de seis fasciculos.—Beco da Amo-
reira, 9, 3.^oNo prélo:—Dicionario de Ju-
risprudencia e Legislação Portu-
gueza. Preço do fasciculo 100 réis;
pelo correio 105 réis, pedidos á
empreza editora—LETRAS E
LEIS.

OS BURROS

OU

O REINADO DA SANDICE

Poema heroica-comico, satyrico,
em seis cantos, reproduzido
in-extenso com todas as liber-
dades do original.

Preço, br. . . . 300 réis.

Pelo correio franco de porte
quem enviar a sua importancia em
estampilhas ou vale do correio.A' Livraria—Cruz Continho
—Editora. Rua dos Caldeiros,
18 e 20—Porto.

AS VICTIMAS DA LOUCURA

Ultima publicação de

XAVIER DE MONTÉPIN

Versão de JULIO DE MAGALHÃES

EDITORES—BELEM & C.
26, Rua do Marechal Saldanha
26—Lisboa.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

OS

Companheiros do punhal

PR

L. STPLEAUX

Romance dramatico da maior sensação
ILLUSTRADOPor semana uma caderneta ao
preço de 60 reis.Publicada a 1.^a caderneta e
á venda n'esta localidade e nos
escriptorios da Empreza editora,
1, rua de D. Pedro V, 3 e 5,
Lisboa, onde se dirigirão os pe-
didos.

O BARATEIRO

LOJA DE FAZENDAS

DE

ARNALDO A. DA SILVA MOURA

PRAÇA D'OVAR

Faz lembrar a todos os seus
amigos e freguezes, bem como ao
respeitavel publico, qua tem no
seu estabelecimento um lindo e
variado sortimento de fazendas
de todas as qualidades, das quaes
menciona:Flanellas d'algodão, cheviotes
pannos familias e domesticos, chi-
tas pretas, brancas e de côr, ris-
cados, zephiros, lenços de varias
qualidades, chailes pretos e de
côr, nacionaes e estrangeiros, me-
rinos de pura lã, castorinas as
mais modernas, picotinhos, case-
miras pretas e de côr tanto naci-
onaes como estrangeiras, camiso-
las de malha de lã e de algodão
tanto para homem como para sen-
hora, botões de phantasia pretos
e de côr, guarnições de seda e lã,
bem como muitos outros objectos
existentes na sua loja, que é im-
possivel annunciar.Tambem faz publico que no
seu estabelecimento vende fato fe-
ito, tanto para homem como para
creanças, comprehendendo calça,
collete e casaco de varias quali-
dades e boa casemira, bem como
se encarrega de qualquer peça
d'obra que lhe encommendem.Vende tudo por preços sem
competidor. Portanto meus ami-
gos e freguezes, é aproveitar
antes que venham os nossos direi-
tos d'Alfandega porque depois
tudo sobe.

A ESTAÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODAS
PARA AS FAMILIASPublicou-se o n.^o
de 1 de JulhoPreços: 1 anno réis
4\$000—6 mezes 2\$100
rs.—Numero av lso rs.
200.LIVRARIA CHARDRON, LU-
GAN & GENLOUX, SUC-
CESSORES—PORTO.

MAUXICIO GUÉRIN

SEGREDOS DA SCIENCIA
ARTES E OFFICIOSVariadas e curiosas recei-
tas e processos de physica e
chimica pratica sobre artes,
Economia domestica, Photo-
graphia, etc.

BECREACÕES SCIENTIFICAS

Surprehendentes sortes e
experiencias, Cryptographia,
metodos para corresponden-
cias secretas, 27 gravuras exp-
licativas.A' venda em todas as li-
vrarias.

Preço..... 400 réis

« 420 «

Deposito—Livraria Portu-
gueza, Loyos, 56—Porto.Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco,
Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros
portos do BrazilVendem-se passagens a preços **multo reduzidos** pa-
ra todos aquelles portos dos Estados Unidos do Brazil.Tambem **se dão passagens gratuitas** para os portos
acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulhe-
res e familias inteiras, ficando livres de quaesquer compro-
missos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer
trabalho e residirem onde quizer.Vendem-se tambem a preços commodos passagens para
os diversos portos da Africa Portugueza, Occidental e Orien-
tal.Preparam-se todos os documentos necessarios e aprom-
ptam-se gratuitamente.Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assigna-
dos, agentes das companhias se lhes dirijam para obter
qualquer passagem.Os agentes em Ovar,
Antonio da Silva Nataria
Antonio Ferreira Marcellino.

Africa Portugueza

CARREIRA DE MAGNIFICOS PAQUETES DE
COMPANHIAS PORTUGUEZAS PARA A AFRICA
OCCIDENTAL E ORIENTALPreços resumidos muito inferiores ás tabellas das ou-
tras agencias: para S. Thomé 34\$000 reis; Ambriz e Loanda
38\$000 reis; Benguella 142\$000 reis; Mossamedes 46\$000 reis.

BRAZIL

Para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Rio
Grande do Sul, e mais portos, e pelos paquetes das Compa-
nhas Mala Real Portugueza, Mèssageries Maritimes, Mala
Imperial Allemã, Pacifico e Chargéurs Reunis, vende-se pas-
sagens por preços multo reduzidos. Preço minimo em 3.^a
classe 27\$000 reis.Pelos paquetes das mesmas Companhas, tambem se
concedem passagens GRATUITAS a familias de artistas, tra-
balhadores e lavradores; homens com mulher e filhos, netos
ou enteados, mulher casada, com seus filhos ou netos, paé
com um ou mais filhos ou netos, avó ou avó com seus des-
cendentes, homens casados ou solteiros e mulheres casadas
ou solteiras, com tanto que sejam validos e queiram ir em-
pregar-se LIVREMENTE, nos trabalhos que mais lhes con-
venha, em diferentes provincias do BRAZIL, os quaes teem
á sua chegada ao Rio de Janeiro, hospedagem GRATIS du-
rante 8 dias, e transporte tambem GRATIS para qualquer
terra para onde perfiram ir viver.Passagens em todas as condições e negocio tratado
com seriedade.Para esclarecimentos e contracto, dirigir unicamente em
—Ovar, Antonio Goncalves, praça e rua dos Campos e em
Aveiro, Manoel J. Soares dos Reis, rua dos Mercadores, 23

A AVÓ

POR

ÉMILE RICHEBOURG

Romance tadzido da nova edição
coecta e augmentada pelo
auctoSairá em cadernetas semanaes
de 4 folhas e estampa 50 réis.EDITORES BELEM & C.^a

ELEMENTOS

DE

GEOGRAPHIA ECONOMICA

(Agricola, industrial e commercial)

POR
JOSÉ NICOLAU RAPOSO BOTELHO
Major de Infantaria
e ex-professor do Lyceu Central do
Porto—
PORTO

Magalhães & Moniz—Dditores

CONSULTORIO

MEDICO-CIRURGICO

DE

MOLESTIAS DE SENHORAS
E CREANÇAS

DAS MEDICAS

Laurinda de Moraes Sarmento

e

Amelia de Moraes Sarmento

CONSULTAS

Das 11 horas da manhã ás 3 da tarde
Chamadas para PARTOS a qualquer hora

759, RUA DO ALMADA, 759,

PORTO